

Epimeteu

ISSN 1808 – 2823



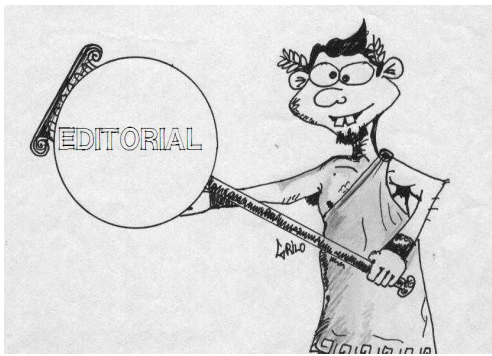
ATRASADO É QUEM NÃO LEU!

ANO IX - N.º 15 – JUNHO DE 2010

JORNAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DO GRUPO PET – FILOSOFIA DA UFSJ
LABORATÓRIO DE ESTÉTICA ÁRTEMIS

COORDENAÇÃO: PROFESSORA GLÓRIA RIBEIRO

Diversidade Cultural



Br
una Dutra Fernandes
Bolsista - Grupo PET-Filosofia

Epimeteu como aquele que “pensa depois”, nessa Edição: Diversidade Cultural na UFSJ nos leva a ser como Prometeu: “aquele que pensa antes”. Mas não se engane não, pensamento é ato de criação e não um estado estacionário. Somos convidados a pensar antes de lançar nossos olhares maliciosos cheios de desdém aos nossos dessemelhantes. Pois são com estes, é com o diferente, com o outro, que se rompe em nós a principal enfermidade do nosso ego que é o narcisismo. É a diversidade das experiências humanas que quebra nossas barreiras de isolamento e nos lança ao prazer supremo da convivência com os outros, pois só o diferente de nós é capaz de tornar consistente o ser que somos. É nessa convivência cotidiana, o modo mais corriqueiro do mundo, que convivendo com as diversas “tribos” conhecemos e compartilhamos emoções, experiências, jamais conseguidas por sentimentos individuais.

E viva a DIVERSIDADE!

COMISSÃO EDITORIAL: Grupo PET - Alison Ferreira, Bruna Dutra, Carlos Pereira, Danilo Henrique, Isabela Kristina, Kátia de Paula, Leandro Assis, Marcelo Trindade, Paulo Soares, Sabrina Gava, Samuel Silva, Thamara Custódio, Valéria Nascimento.

Tutora: Glória Maria Ferreira Ribeiro.

Hermes

Diversidade de atrações da UFSJ!

Thamara Souza Custódio
Bolsista – Grupo PET-Filosofia

Olá pessoal, como o tema desse jornal trata da diversidade cultural, eu, o Grande Hermes, venho com diversas responsabilidades a partir dessa edição. Estou também, aqui nesse mesmo lugar, mais um pouquinho maior agora, representando a minha querida ex-amiga de página, a Dagmar, que de uma hora para outra, se aposentou da janela do ti ti ti, e me pediu encarecidamente que não deixasse vocês na mão com as notícias que rondam essa Universidade. Vou tentar, prometo, ser o mais atento possível, para trazer, do meu modo, essas notícias que minha querida Dagmar me confiou. Que saudade ela fará.

Para começar, queria destacar os calouros da filosofia, que vieram e continuam nesse 2º semestre a todo vapor! Entre aulas e trabalhos eles tem se reunido, participando de festinhas e muita badalação além de estarem todos dispostos de colocar a mão na massa. Entre os corredores, seja qual for o horário, eles andam em busca, dentre as diversas opções que o curso de filosofia oferece, de trabalhos extracurriculares que possam participar. Eles estão bombando no campus!

E por falar em campus, entre tintas e rebocos tirados para a reforma no Dom Bosco, aconteceu entre os dias 03 à 07 de maio a VII Semana PET-FILOSOFIA da UFSJ. Nesse ano, o Grupo PET resolveu inovar fazendo uma relação direta com a Literatura. E tudo foi um sucesso, pois tanto a decoração à programação estavam caprichadas. Minicursos, oficinas, palestras, café filosófico, além de diversas atrações artístico-culturais e o lançamento da última edição do Jornal Epimeteu, da Revista Empório e da Existência e Arte, prometem um show a parte no campus Dom Bosco no início do mês de maio. E para fechar com chave de ouro, o coquetel foi um atraso com o Grupo de chorinho “Chora Genésio” encantando o salão de peteca lotado com os participantes e professores que participaram do evento.

Por fim, eu o grande Hermes, o mais humano de todos os deuses, gostaria de falar sobre como foi a palestra da ex-ministra chefe da casa civil Dilma Rousseff, que nos deu o prazer da sua presença no início do mês de abril. Dentre milhares de flashes e esperanças, discursou sobre educação e as políticas econômicas do governo atual. Que todos os deuses do Olimpo iluminem essas eleições!!!

_ ***HERMES** – mensageiro dos deuses, preside os tratados tanto públicos quanto privados, fomenta o comércio, protege as estradas contra os ladrões e ampara os viajantes do mundo todo.

Claudicare *

UFSJ DAS TRIBOS

José Antônio**

Tribos. Estão em toda parte. Comunidade no Orkut jamais foi novidade. Na minha intensa vida de retinas teimosas, venho me deparando com tribos. Tribos distribuídas e atribuídas tribos. Cada uma se dedica a uma causa, mesmo não sabendo por causa de quê.

Uma vez, conheci a tribo do barbante. As roupas, os enfeites no cabelo, os tênis, tudo era de barbante. Um dos adeptos, num raciocínio embaraçado, me disse que era o máximo levar pra cama uma garota de barbante, quer dizer, toda enroladinha no barbante.

– *A gente vai virando a gata, cara, enquanto o barbante vai saindo. Uau! É uma coisa!*

Sei lá. Parece aquele negócio de ficar desenfaixando múmia. No fim, a gente acaba indo pra cama com uma múmia zonza de tanto rodar. Essa suruba do barbante é um nó cego no gozo. Acho que a comunidade acabou. Ninguém mais ficou amarrado nela. Vai ver que o barbante arrebentou.

Aqui na universidade, de vez em quando esbarro nas tribos. São tantas que chego a pensar em pluralidade cultural. E por falar em culturas plurais, já pensou a Copa do Mundo sediada aqui na UFSJ, com todas as nossas tribos marcando presença?

A abertura do evento seria por conta da tribo da dança do intervalo, sob a direção do coreógrafo, cenógrafo, sonoplasta e diretor Caju. A tribo dos mauricinhos e a tribo das patricinhas – Uh! Lá, lá! – iriam pra torcida da França, todos com cheirinho de *Armani* e *Azzaro*. A tribo dos comunistas torceria pela União Soviética, torcendo mais pela ressurreição do Stálin do que pela vitória do time. Mas ressurreição não existe, dizem eles. Então, o negócio é mandar a Copa lá pros gulags e se mobilizar pra mudar o mundo numa mesinha de bar.

Já a tribo dos nossos hyppies iria pra torcida da Jamaica. Bob Marley, malemolência, vida boa, saias de seda, jeans de marca, óculos escuros *Vogue* e *Calvin Klein*, cartão de crédito... nada daquela sujeira e falta de banho dos anos 70!

Pois é... e a tribo da fumacinha? Torcida da Bolívia neles! As vuvuzelas seriam verdadeiras chaminés. Já a tribo do bicho-grilo iria pra torcida das Guianas: ninguém sabe quem são, onde moram, como sobrevivem nem que língua falam.

Tem também a tribo dos festeiros: só pensam em churrascada, cervejada, mulherada, homaiada... tá sempre ferrada. Mas não param de dançar nem de beber. Torcida do Brasil

Copa das tribos. O bom é que elas jogam juntas, nenhuma disputa o espaço da outra. No fim, o troféu é de todos e todos aprendem com todos.

Mas que dá pra ficar confuso com tanta tribo, isso dá. A gente fica até meio zonzo... igualzinho àquela menina do barbante.

CLAUDICARE - A coluna é uma homenagem ao caráter claudicante de Hefestos, um dos motivos do riso dos deuses. Claudicar (do latim *claudicare*): não ter firmeza nos pés; coxear; manquejar; capengar.

** JOSÉ ANTÔNIO OLIVEIRA DE RESENDE é professor de Prática de Ensino de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei.
e-mail: jresende@ufsj.edu.br

PONDERAÇÕES SOBRE A DIVERSIDADE

Carlos Arthur
Bolsista PET-Filosofia UFSJ

(1) Diversidade é, na verdade, um modo de se ser único; afirma-se uma identidade na sua tensão com o diferente.

(2) Por conseguinte, agradecemos às pessoas de "mau gosto" – seja ele musical, vestuário, intelectual ou sexual! – pois, graças a eles, temos o "bom gosto" (Obs.: não fique aí se gabando, leitor incauto; como dizia meu velho pai "pau que dá em Chico, dá em Francisco", ou seja, o seu "bom gosto" é somente o mau gosto de outrem).

(3) E como eu resolvi tacar meu pai na conversa, fiquemos com outras de suas "lições": "Meu filho, o que seria do futebol se todo mundo torcesse pro Flamengo?". Bem, embora isso seja quase verdade, o velho tava certo; se só tivesse flamenguista no Brasil, seria feriado a cada fim de campeonato.

(4) Mas voltemos ao que nos interessa: nada há de mais diverso que as opiniões – inclusive, penso se não é hora de nos preocuparmos com o "congestionamento" de opiniões, posto que há mais opiniões circulando no mundo do que automóveis. Fato é que existe mais afinidade entre carros e opiniões do que se imagina: em qualquer acidente – de carros ou de opiniões – temos duas pessoas, ambas dotadas da plenitude da razão – afinal, ninguém gosta de estar errado – gastando todo o seu latim para difamar a honra da mãe do próximo.

(5) Errar é humano, a diversidade também, e de certa forma essa nos conduz ao erro; erramos quando desconsideramos o diverso, ou quando o julgamos inferior em algum aspecto; decorrente desse erro, erramos de novo quando queremos "consertar" a intolerância formando uma *unidade*, como se *todos fossem iguais* – mais uma vez, o diverso é chutado pra escanteio! No entanto, é nessa própria condição de ser sempre rechaçada que a diversidade se manifesta, como um apelo de acolhimento do diferente – no sentido daquilo que *me* limita e que, portanto, *me* constitui. Moral da história: dois erros não fazem um acerto – mas três esquerdas viram à direita!



* CAFARNAUM – Depósito de coisas velhas; lugar de tumulto ou de desordem, confusão miscelânea, mistifório.

ÁGORA

Espaço aberto para discussão

Samuel Silva
Egresso Grupo PET Filosofia da UFSJ

Diversidade cultural. Olhei na internet que o termo cultura provém do latim *colere* e significa cultivar. Entendo cultura como um conjunto de características do fazer humano que se constrói como um cultivo de determinados conhecimentos (acadêmicos, musicais, libidinosos, artesanais, linguísticos, criminais, cinematográficos, revolucionários, forjados – falsos, forçados, aqueles que temos preguiça –, drogas...).

Sou um estudante universitário. Construído por mim mesmo a partir de um contexto material, econômico-social, psicológico, espiritual que antes de mim já estava conjunturado. O fruto nasce por si, mas é também fruto de uma terra.

E o que acontece se a riqueza de Machado de Assis fizer, pra alguém que também é inteligente e sensato, menos sentido que conversar sobre soltar pipa? Às vezes a genialidade dos Beatles causa menos emoção do que Zezé de Camargo e Luciano naquela menina que só é gostosa. Num sei, são coisas complexas. Mas pode ser que Che Guevara seja também o vizinho do cara que ta ali no pátio. Pode ser que Chico Buarque tenha pra você o mesmo valor existencial que Racionais Mc's tem pra mim. Pode ser que haja um Hesíodo inspirando amor próprio em cada origem de um número de matrícula, ou de uma carteira de trabalho terceirizada ou estabilizada.

E o que acontece? O que acontece é que o ser é uno, absoluto, incondicionado ou como queiram, eu queria que fosse simples, e talvez seja; além de óbvio também. E se depois de beber cerveja juntos e o Sócrates chegar lá e a gente descobrir, sei lá, que Raul Seixas está bem próximo de Sabotage? e que ambos estão próximos de uma interpretação de Nietzsche ou Heidegger ou de Paulo Freire? e que eu tenho umas camisa maneira que, assim como aqui, na minha cidade só se encontra em bazar? E o que acontece? Sei lá, acaba que é tudo parecido, é tudo próximo. Ah, num tem nada pra fazer, podemos amar ao próximo então. Eh, podemos como a nós mesmos. E essa vida como ela é sobre todas as coisas. Podemos ser cristãos também, sei lá...

* **ÁGORA**: praça principal; assembléia do povo na praça pública; mercado; fórum (na antiga Grécia).

BIBLIOFILIA

Alison Oliveira
Bolsista PET-Filosofia UFSJ

Obra: Canções do imaginário Popular- Comunidade do Bairro São Geraldo, São João del-Rei /MG.

Equipe de Execução: Grupo PET-Ciências Humanas, Estética e Artes; Projeto: Quem Canta seus Males Espanta, Bolsista (2002-2007): Marcilene Meneghin Hallak, orientadoras: Bethânia Maria Monteiro e Glória Ribeiro; Projeto: O corpo em movimento: Oficina de desenho artístico da escolinha de arte do bairro São Geraldo, Bolsista: Robson Pereira, Orientadora: Glória Ribeiro.

Ano: 2007.

O livro *Canções do Imaginário Popular* tem por meta compreender como a comunidade do bairro São Geraldo em São João del-Rei se relaciona com sua produção artística, bem como trazer à luz suas necessidades no que toca a continuidade de suas tradições e manifestações artísticas. Para realizar este trabalho os membros do grupo Pet se afastaram do discurso meramente teórico para ir ter com as pessoas, das quais e com as quais estavam lidando, se afastou desta “vida teórica que muitas vezes perdeu de vista a estreita relação que a mantém unida à prática e as ações cotidianas”¹. Este livro não é tanto uma produção acadêmica, talvez fosse melhor chamar de registro de vivências. Um pequeno-grande livro onde foi reunido uma parcela da produção musical do bairro São Geraldo, na qual as letras das músicas, os sons e os ritmos são plenos de significados, portanto linguagem. Além das músicas e suas partituras, também

¹ Canções do Imaginário popular. Apresentação, p. 13.

o livro possui Imagens do Rosário e registros fotográficos do congado em São João del Rei. A partir desta leitura encontramos um modo, simples de conhecer, sentir e reverenciar a cultura popular da comunidade São Geraldo.

CAIXA DE PANDORA

Karoline Gomes
Graduanda do 4º Período de Filosofia da UFSJ

Filme: **Beleza Americana** (no original, em inglês, American Beauty)

Ficha Técnica:

Diretor: Sam Mendes

Elenco: Kevin Spacey, Annette Bening, Thora Birch, Wes Bentley, Mena Suvari, Chris Cooper, Peter Gallagher, Allison Janney, Scott Bakula, Sam Robards.

Gênero: Drama

Duração: 121 minutos

Ano: 1999

Premiações: Indicado para 5 Oscars (2000), Beleza Americana venceu, entre outras, as categorias de Melhor Filme, Ator (principal), Diretor e Melhor Roteiro em 1999. Foi indicado nas categorias de Melhor Atriz (principal), Melhor Edição e Melhor Trilha Sonora. E várias outras premiações, dentre elas o Globo de Ouro (2000) e o Grammy (2001).

Sinopse: O filme retrata o lado obscuro de uma família americana. A trama mostra qual pode ser o preço da beleza em uma sociedade que vive de aparências. Lester (Kevin Spacey) não agüenta mais o emprego, a futilidade da mulher Carolyn (Annette Bening) e a filha adolescente, Jane (Thora Birch). Ele resolveu mudar tudo, largando o emprego, passa a realizar os seus desejos de adolescência e até o de conquistar a desbocada amiga adolescente de sua filha.

ESCARAFUNCHANDO*

JUVENTUDE QUADROFÊNICA

MARCELO TRINDADE E PAULO SOARES
BOLSISTAS PET-FILOSOFIA UFSJ

É MANHÃ DO DIA 17 DE MAIO DE 1964 NA CIDADE DE BRIGHTON, REINO UNIDO, NAS RUAS CERCA DE TRÊS MIL JOVENS SE DIVIDEM: *MODS* E *ROCKERS*. O BALNEÁRIO LITORÂNEO DO SUL DA INGLATERRA ESTÁ PRESTES A SER PALCO DE UM EVIDENTE CONFLITO CULTURAL ENTRE ESSES DOIS GRUPOS RIVAIS.

O TERMO *MOD*, ABREVIÇÃO DE MODERNISMO, INDICA UM CONJUNTO DE ATITUDES DE JOVENS OBCECADOS PELA MODA ITALIANA (TERNOS FINOS GERALMENTE COM CALÇAS QUE HOJE EM DIA CHAMÁRIAMOS “PEGA FRANGO”), PELO ESTILO MUSICAL QUE VAI DESDE O JAZZ MODERNO, *RHYTHM AND BLUES* E *SOUL MUSIC* E PELA PRESENÇA INSEPARÁVEL DE SUAS *SCOOTERS*, (MOTOCICLETA, MOTONETA, MOTINHA) GERALMENTE DAS MARCAS VESPA OU LAMBRETTA. GRANDES DOSES DE ANFETAMINAS EQUILIBRAM O DESEQUILÍBRIO *MOD* E DAVAM À CONSCIÊNCIA DESSES JOVENS O IMPULSO À REBELDIA! EM SUMA: SER UM *MOD* É ESTAR “ALMOFADINHAMENTE” VESTIDO, DANÇANDO AO SOM DE BATIDAS SIMPLES (YOU REALLY GOT ME... YOU REALLY GOT ME...) E ALUCINADO POR PÍLULAS AZUIS OU USANDO UM TERMO *MOD*: SPEEDS!

E OS ROCKERS?

NÃO MENOS CARICATOS OS *ROCKERS* COM SUAS CALÇAS DE COURO, A SABER: SEMPRE UM NÚMERO MENOR QUE O INDICADO PELO CORPO E SEUS PENTEADOS POMPOSOS ENSEBADOS POR QUANTIDADES EXCESSIVAS DE GEL FIXADOR, OS “GREASERS” (COMO TAMBÉM ERAM CHAMADOS) NASCERAM COMO UM GRUPO DE MOTOCICLISTAS. COURO, MOTO, ELVIS PRESLEY, TOPETE, GRAXA, CORRENTES: *ROCKERS!*

MAS PORQUE ESTAMOS ESCARAFUNCHANDO OS MODS E OS ROCKERS?

BEM, EM 1979 O GRUPO BRITÂNICO DE ROCK *THE WHO*... HUN? QUEM? É *THE WHO*, ESTA BANDA LANÇA O FILME *QUADROPHENIA* BASEADO EM UM ÁLBUM HOMÔNIMO DE 1973. PRODUZIDO PELOS INTEGRANTES DA BANDA A PELÍCULA CONTA A HISTÓRIA DE JIMMY (PHIL DANIELS) UM JOVEM *MOD* MERGULHADO NO COTIDIANO PÓS-GUERRA DE UMA LONDRES IMPREGNADA POR POSTURAS CONSERVADORAS E PRECONCEITUOSAS. JIMMY COOPER ODEIA A VIDA ORDINÁRIA QUE LHE CERCA, DE UM LADO SEUS PAIS LHE GRITANDO O QUE FAZER E SOBRETUDO O QUE NÃO FAZER E DO OUTRO, NÃO MENOS GRITANTE, SEU SUBEMPREGO LANÇADO NA MONOTONIA DE AÇÕES IRREFLETIDAS DE UM MERO OFFICE-BOY.

OS ÚNICOS MOMENTOS DE CONFORTO E ACEITAÇÃO DE JIMMY SÃO QUANDO ELE ESTÁ NA PRESENÇA DE SEUS AMIGOS *MODS* EM SUAS LAMBRETTAS CANTANDO MÚSICAS QUE DIZEM TUDO SOBRE AS ANGÚSTIAS E MEDOS DE SUA GERAÇÃO. PAUSA PARA UMA CANÇÃO. VAI *THE WHO!*
“AS PESSOAS TENTAM NOS COLOCAR PRA BAIXO (FALO DA MINHA GERAÇÃO)
SÓ PORQUE ESTAMOS POR TODOS OS LADOS (FALO DA MINHA GERAÇÃO)
AS COISAS QUE ELAS FAZEM PARECEM TERRIVELMENTE FRIAS (FALO DA MINHA GERAÇÃO)
ESPERO MORRER ANTES DE FICAR VELHO (FALO DA MINHA GERAÇÃO)
...**ESTA É MINHA GERAÇÃO BABY!**... (MY GENERATION, *THE WHO* 1965).
POR ISSO ESTAMOS ESCARAFUNCHANDO ESTA BELÍSSIMA OBRA DO CINEMA, PARA FALAR DA DIVERSIDADE CULTURAL, DA GERAÇÃO MOD VIVIDA

ELO PROTAGONISTA CONTRAPONDO-SE A GERAÇÃO *ROCKER*.

MAS SERIA O CONFLITO ENTRE *MODS* E *ROCKERS* UM CONFLITO DE GERAÇÕES? CALMA AÍ... OS DOIS GRUPOS NÃO SÃO FRUTOS DA MESMA GERAÇÃO, NÃO ESTÃO INSERIDOS NUM MESMO CONTEXTO HISTÓRICO?

SEGUNDO NOSSO QUERIDO AMIGO, COMO DIRIA MINHA MÃEZINHA: “PAI DOS BURROS” VULGO AURÉLIO, GERAÇÃO É: 1. CONJUNTO DE PESSOAS NASCIDAS PELA MESMA ÉPOCA 2. O ESPAÇO DE TEMPO (APROXIMADAMENTE 25 ANOS) QUE VAI DE UMA GERAÇÃO A OUTRA. MAS AFASTANDO-NOS UM POUCO DO SIGNIFICADO CORRENTE DO VERBETE E MERGULHANDO DE CABEÇA NA ATMOSFERA DE QUADROPHENIA, TEMOS QUE GERAÇÃO É ATO DE GERAR, DE NASCER, DE CRIAR SIGNIFICADO PARA ALGO E NADA TEM HAVER COM NÚMEROS OU CONTAGEM DO TEMPO CRONOLÓGICO, LINEAR. A GERAÇÃO *MOD* DE JIMMY, POR EXEMPLO, SE TRADUZ POR PESSOAS QUE DERAM TAIS SIGNIFICADOS AO MUNDO (É O MUNDO *MOD*), E O CONFLITO SE DÁ AO PASSO QUE HÁ UM OUTRO GRUPO QUE DÁ DIFERENTES SIGNIFICAÇÕES, ATÉ MESMO OPOSTAS, AO MUNDO *MOD*: OS *ROCKERS*. ORA “JIM” E SEUS AMIGOS SÃO TÃO DESCOLADOS E COOLS QUANTO SEUS NÃO AMIGOS DAS CALÇAS APERTADAS, E CONSIDERAM-SE TÃO INCOMPREENDIDOS E INSUBORDINADOS QUANTO ELAS O QUE DIFERE, O QUE FAZ QUE SEJAM DISCORDES... UMA SIMPLES CONCEITUAÇÃO: *MODS* E *ROCKERS*.

MORAL DA HISTÓRIA... (OS AUTORES DESTA TEXTO SE DERAM AO SINGULAR DIREITO DE NÃO ENVOLVER A PALAVRA *MORAL*, UMA VEZ QUE CONSIDERARAM MUITO COMPLEXA EM SE TRATANDO DE DIVERSIDADE CULTURAL) NÃO! NÃO IREMOS FALAR AQUI EM MORAL DA HISTÓRIA. POIS AO FALAR DA MORAL DA HISTÓRIA, JÁ PRESSUPOMOS QUE AO SAIRMOS DO CINEMA OU AO EJETAR O DVD, JÁ TEREMOS UM ENTENDIMENTO PRONTO SOBRE ALGO. NA VERDADE, O QUE NOS É PROPOSTO AO ASSISTIR AO FILME, OU A QUALQUER FILME QUE SEJA, É A ABERTURA PARA O TEMA PROPOSTO, PARA QUE ASSIM POSSAMOS REFLETIR SOBRE AQUILO QUE VIMOS E ESCUTAMOS. ENTÃO O QUE CABE A NÓS MEROS ESTUDANTES, MEROS JIMMY COOPER, PEDRO, JOÃO, CAROLINA, SEBASTIÃO, É DISCUTIR E APROVEITAR A DIVERSIDADE. EM BRIGHTON FIGURAVAM APENAS *MODS* E *ROCKERS*, MAS HOJE NA UFSJ, ALIÁS NO MUNDO TODO, TEMOS VÁRIOS GRUPOS E SUB-CULTURAS QUE CONVIVEM NO MESMO E EM DIFERENTES MUNDOS. HIPPIES, REVOLUCIONÁRIOS, NERDS, PUNKS, METALEIROS, EMOS, PAGODEIROS, MANOS, GÓTICOS, CLUBBERS... SOMOS JOVENS, DE ESPÍRITO TODOS SOMOS, QUE NA BUSCA DO NOSSO ESPAÇO E DA NOSSA IDENTIDADE, DA NECESSIDADE DE NOS FAZERMOS DIFERENTES, ACABAMOS ESQUECENDO QUE AQUILO QUE NOS DIFERENCIA É O QUE NOS DÁ IDENTIDADE. SIM! O OUTRO É RESPONSÁVEL PELA MINHA IDENTIDADE NA MEDIDA EM QUE ME MOSTRA MEUS PRÓPRIOS LIMITES, É ISSO AÍ... SEM NERDS NÃO TERÍAMOS MALOQUEIROS, SEM OS *MODS* NÃO TERÍAMOS OS *ROCKERS*, SEM YING NÃO TERÍAMOS YANG E SEM PROMETEU NÃO TERÍAMOS EPIMETEU.

***ESCARAFUNCHANDO:** COMENTÁRIO DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS (FILMES, LIVROS, PINTURAS).

PÃO

Carlos Arthur
Bolsista PET-Filosofia UFSJ

Acolher o pão do dia
- é só esse meu trabalho.
Dele, não ganho nada.
Nele, não há serventia.

Jamais escolhi tê-lo em mãos,
nem mendiguei por seu quinhão,
pois que o pão
é o fruto que supre sem faltar
e que basta sem perder,
e nisso está a sua riqueza.
O pão é o dom da terra,
e a terra, a única sabedoria.

Vivo por acolher o pão
- porque viver, senhores,
não passa disso.
E vida é o eterno ofício
que jamais se cansa:
tomar para si próprio
o pão que é dado de graça.

Mas o acolher do pão
e torná-lo próprio
não significa torná-lo *meu*
- como esse lápis e esse papel
e essa janela e essa manhã,
da qual penso estar de posse.

O tornar próprio do pão,
que é tarefa do acolhimento,
é reforçar o que é no pão
sua proveniência e destinação:
acolher o pão do dia
é dizer-lhe o sentido,
e o sentido do pão
é a partilha.

Pão é alimento *com-partilhado*.
É no partir do pão com o outro
que eu ganho meu quinhão
que acolho e torno próprio,
e o outro é meu maior tesouro
porque dirige a minha tarefa.

